POVOS INDIGENAS NOS FILMES SUAS IMPLICAÇÕES NO CURRICULO ESCOLAR

ADRIANA MARQUES DA SILVA PESANI

Resumo:

A maneira de como os povos indígenas são representados, nos meios de comunicação em geral, aponta para um repertório de imagens estereotipadas, que tendem a reduzir e simplificar as crenças e os modos de vida desses povos. O presente artigo tem como objetivo apresentar através de levantamento bibliográficos como os povos indígenas são representados nos filmes e publicidades e suas implicações no currículo escolar. O estudo justifica-se pela importância de aborda a cultura Indígena ampliando o conhecimento sobre a cultura brasileira possibilitando adentrar novas formas de ver e pensar o mundo. É imprescindível que os estudantes identifiquem a presença e a sociodiversidade de culturas indígenas para compreender suas características socioculturais e suas territorialidades e os meios de comunicação se mostra por vezes um forte aliado para essa construção.

Palavra-Chave: Povos Indígenas; Meios de comunicação; Conhecimento; cultura; currículo escolar.

SUMMARY

The way in which indigenous peoples are represented, in the media in general, points to a repertoire of stereotyped images, which tend to reduce and simplify the beliefs and ways of life of these peoples. This article aims to present, through a bibliographic survey, how indigenous peoples are represented in films and advertisements and their implications for the school curriculum. The study is justified by the importance of approaching the Indigenous culture, expanding the knowledge about Brazilian culture, making it possible to enter new ways of seeing and thinking about the world. It is essential that students identify the presence and sociodiversity of indigenous cultures in order to understand their sociocultural characteristics and territorialities, and the media is sometimes a strong ally for this construction.

Keyword: Indigenous Peoples; Media; Knowledge; culture; school curriculum.

RESUMEN

La forma en que se representa a los pueblos indígenas, en los medios de comunicación en general, apunta a un repertorio de imágenes estereotipadas, que tienden a reducir y simplificar las creencias y formas de vida de estos pueblos. Este artículo tiene como objetivo presentar, a través de una investigación bibliográfica, cómo los pueblos indígenas son representados en películas y anuncios publicitarios y sus implicaciones para el currículo escolar. El estudio se justifica por la importancia de acercarse a la cultura indígena, ampliando el conocimiento sobre la cultura brasileña, posibilitando entrar en nuevas formas de ver y pensar el mundo. Es fundamental que los estudiantes identifiquen la presencia y la sociodiversidad de las culturas indígenas para comprender sus características socioculturales y sus territorialidades, siendo los medios de comunicación en ocasiones un fuerte aliado para esta construcción.

Palabra clave: Pueblos Indígenas; Medios de comunicación; Conocimiento; cultura; currículum escolar.

1. INTRODUÇÃO

O cinema é uma forma de entretenimento tão comum atualmente que muitas pessoas sequer param para pensar nas origens do movimento imagético e tão pouco nas possibilidades de análise que o cinema abre aos mais diversos pesquisadores. É uma ferramenta que traz elementos impensáveis a uma pesquisa, pois através da análise de uma produção fílmica um pesquisador pode encontrar respostas talvez indisponíveis em outros meios.

Desde a invenção de aparelhos que possibilitam a imagem em movimento, no fim do século XIX, o cinema tem ganhado espaço, o que certamente não foi sequer pensado pelos criadores do cinematógrafo, os 3408 irmãos Lumière, já que os mesmos em sua ânsia por descobertas cientificas, viram este invento apenas como algo útil ao desenvolvimento de pesquisas cientificas, considerando o cinema como algo passageiro e que logo perderia importância diante das amplas inovações do progresso, sem entreverem a proporção e importância que seu invento ganharia durante o século XX.



Figura 1: Mostra indígena - Alice Fortes. Disponível em: https://vermelho.org.br/2014/08/18/filmesindigenas-sao-tema-de-mostra-em-sao-paulo/

Nas décadas de 1960 e 1970, porém, os filmes vão propor uma releitura da temática indígena. Temos, então, em 1960, o indígena canibal tropicalista e, em 1970, o indígena rebelde. O feito mais notável se dá nos anos de 1990, com a emergência da mídia indígena, resultante da apropriação dos meios audiovisuais pelos próprios indígenas e o uso desses meios para propósitos políticos e culturais próprios, a partir de projetos tais como "Vídeo nas Aldeias", os quais visam a preparação de cineastas indígenas por meio de oficinas e outras atividades formativas. Na contemporaneidade, para além dos filmes produzidos pelos próprios indígenas, também temos um cinema de temática indígena produzido por não indígenas que se sensibilizam com a causa (STAM, 2008). É nesse contexto que o presente artigo aborda a representação dos povos indígenas e suas implicações no currículo escolar. Ainda que as adequações do PNLD brasileiro tenham sido implementadas com o intuito de garantir a inserção de novos parâmetros curriculares e de promover a "inclusão" de culturas diferenciadas, algumas dificuldades se mostraram presentes no cotidiano escolar, devido, principalmente, à dificuldade de superação do modelo de historiografia eurocêntrica.

A educação atualmente é especializada, isto não quer dizer que ela sempre foi, pois a tempo atrás a maiorias dos indivíduos não frequentavam a escola, e o que aprendiam era o que era passado de geração para geração, sem precisar de conhecimento específico sobre determinadas áreas, somente com o passar do tempo com o desenvolvimento da sociedade, foi que houve a necessidade de criar lugares especializados para transmissão dos conhecimentos. Sendo assim foram criadas escolas e faculdades, bem como os currículos para norteá-los.

O currículo não é uma denominação qualquer dada a um determinado documento, que surgiu do nada, sem uma perspectiva ou intenção. Segundo Silva (2001, p. 31). "A palavra currículo vem da palavra latina Scurrere, correr, e refere-se a curso (ou carro de corrida)." A definição apresentada anteriormente é de fato que o currículo precisa seguir um curso pré-definido para alcançar o seu objetivo. Perante o exposto a educação universal necessita de um currículo comum a todas as escolas, englobando culturas diferentes, mas que ele se adeque as necessidades do lugar onde a escola estiver inserida, pois, assim irá ser gerada uma hegemonia no âmbito curricular.

Quando se vai construir um currículo para uma determinada escola, precisa ser levando em conta a região em que ela está localizada, o perfil socioeconômico dos alunos, os seus conhecimentos anteriores, suas necessidades individuais, considerando-se suas falas e de todos os membros escolares, pois uma escola é diferente da outra.

2. DESENVOLVIMENTO

As questões da sociedade contemporânea, somando-se a uma atuação cada vez mais forte de movimentos sociais e aos avanços da pesquisa sobre formação de professores, têm exigido a inclusão, no currículo escolar, de temáticas históricas que usualmente ocuparam pouco espaço nas pautas do que deve ser ou não debatido pela escola. As discussões curriculares sobre diversidade étnico cultural, gênero, religiosidade, entre tantas outras, avolumaram-se significativamente nos últimos anos. A histórica luta dos povos indígenas pela visibilidade e garantia de seus direitos plenos efetivou-se em um corpo significativo de legislações e, nesse momento, os esforços dos povos indígenas e da sociedade não indígena dirigem-se no sentido de efetivar essas conquistas (CARDOSO, 2002)

Neste contexto, embora possamos relevar o papel das propostas liberais no reconhecimento das diferenças culturais, a preconização de uma cidadania universal, ancorada em velhas crenças conservadoras deu origem a tentativas infrutíferas de padronização dos grupos culturais.

A pedagogia indígena, oficializada por políticas públicas e amparada pela ideia central de interculturalidade e que pretendia incorporar "conhecimentos étnicos à escola, de modo a reordenar e reinterpretar os saberes trazidos à luz de um novo contexto e na relação com outros conhecimentos" (BRASIL, 1998, p.65), acabou por esbarrar, ora no desconhecimento de como operacionalizar, nas práticas cotidianas da sala de aula, os objetivos a serem alcançados, ora em barreiras determinadas por ações dos próprios órgãos locais de educação. Ainda que as políticas interculturais tenham acrescido à educação diversos aspectos positivos, a discussão sobre o tema do currículo escolar se manteve acesa e muitas foram as contribuições no

sentido de elucidar as complexidades do cotidiano das escolas. É importante mencionar o notório trabalho de Vera Candau (2011) que em contraponto a uma visão essencialista de culturas e identidades culturais e sob a ótica de valorização das culturas particulares, reitera o entendimento de que embora a dimensão cultural seja imprescindível para potenciar processos de aprendizagem mais dinâmicos e produtivos, ela envolve relações que não são idílicas ou românticas e se constroem historicamente em disputas de poder, discriminações e preconceitos. Assim, a ideia de empoderamento de grupos minoritários e de suas respectivas culturas no ambiente da escola, tem por base a crença na capacidade da cultura em impactar as experiências de educação, nas quais o agir pedagógico dos docentes também assume um importante papel.

A par deste entendimento, podemos pensar nas experiências e contribuições de professores indígenas nas aproximações curriculares mais condizentes com as demandas de seus povos, em substituição aos modelos que nunca corresponderam aos interesses pedagógicos de suas culturas. Mesmo considerando os impactos da globalização sob as culturas locais em âmbito mundial, é possível pensar que ela não afeta da mesma forma todo o mundo nem substitui completamente as tradições forjadas pelos povos e que "a própria imposição de princípios de mercado a todos os povos, com as desigualdades que cria, acaba por fazer ressurgir os traços culturais dos grupos que pretende apagar" (MACEDO e LOPES, 2011, p. 93).

Os estudos culturais propostos por Stan (2000) expressam a relevância de trazer à tona discursos que quebrem, ou que não compactuem, com a hegemonia do ideal eurocêntrico, colonialista. Isso implica, no âmbito do cinema contemporâneo, em novas relações entre a equipe de filmagem e os atores-personagens resultando também em novas abordagens aos aspectos fílmicos proporcionado consequentemente mudanças de como trabalhar o currículo no âmbito escolar.

Segundo vários autores, esse processo de exclusão das diferentes culturas na escola se constitui como um processo de homogeneização cultural, que se amplia através de estratégias de discriminação, sendo o currículo hegemônico e etnocêntrico uma dessas formas. Segundo Veiga-Neto, o currículo escolar explicitou, de forma clara, "o limite a partir do qual a diferença começa a se fazer problema para nós. Em suma, o currículo contribuiu - e ainda contribui - para fazer do outro um diferente e, por isso, um problema ou um perigo para nós" (2002). Assim, a visão que muitas pessoas não indígenas possuem sobre as populações indígenas remete a um passado construído em função do colonizador. Nesse cenário, os povos presentes no território americano, no momento da chegada de europeus, são entendidos como parte da natureza e, de forma generalizada, desconsiderando a imensa diversidade cultural dos povos indígenas. Vários autores têm discutido e denunciado a implicação da escola para a construção dos estereótipos e preconceitos em relação aos povos indígenas. Maria Aparecida Bergamaschi aponta para as principais visões que circulam nos discursos curriculares: "... oscilando entre a concepção romântica um indígena puro, inserido na natureza, ingênuo e vítima e um índio bárbaro, selvagem e preguiçoso, empecilho para o progresso" (2008, p. 9).



Figura2: Dança com lobos" (1990) e o desenho "Spirit - o Corcel Indomável" (2002);

Em muitas escolas, os povos indígenas aparecem apenas no mês de abril, em uma festa escolar ou data para "lembrar o passado". Em outras, ainda são representadas populações indígenas parecidas com as de filmes como "Dança com lobos" (1990) ou do desenho "Spirit - o Corcel Indomável" (2002) (figura 2), que, apesar de belos, não representam nenhuma das tantas etnias que vivem no Brasil. Ainda Márcia Spyer analisa o quanto os manuais didáticos foram e continuam sendo instrumentos para a construção do imaginário brasileiro, organizando e reproduzindo o que o branco pensa sobre os povos indígenas tanto em termos históricos quanto atuais: " O traço principal desse imaginário é o de ser profundamente permeado pela visão europeia da dualidade entre o bem e mal, o selvagem e o civilizado" (1996, p. 163), ou seja, a escola e, em especial, nas aulas de História, continuamos a construir um indígena "superficial": genérico, no passado, quase um símbolo de nossa origem, muitas vezes, não reconhecido em sua identidade étnica no Brasil de hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A difusão da cultura indígena por meio de comunicação em especial o cinema, tanto nas escolas como em universidades pode

se configurar como possibilidade de um despertar epistêmico que nos leve à capacidade de repensar os currículos e sistemas de ensino, "de forma que não mais antropólogos e acadêmicos ensinarão sobre os povos da floresta nas universidades, mas os próprios povos da floresta virão e falarão sobre eles" (KRENAK, 2019 p. 343).

É de suma importância que os educadores busquem meios de se informar a respeito dessa cultura, tanto antigamente como na atualidade, podendo desenvolver com seus alunos um trabalho competente e gratificante. O cinema e demais formas e comunicação são ferramentas que atingem a grande massa de maneira significativa, tanto curtas, medias e longas metragem abordando a cultura indígena de maneira realista e verdadeira contribui para um currículo vivo.

Trabalhar a questão indígena na escola é fazer com que o país conheça a si próprio, oferecendo ao aluno condições para estar em contato com as tradições de seu país, em especial o Brasil que apresenta uma rica cultura, buscando sua valorização, promoção e preservação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. Na captura da voz. As edições da narrativa oral no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, FALE/UFMG, 2004.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Org.). Povos indígenas e educação. Porto Alegre: Mediação, 2008.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei n. 9394/96. Brasília, MEC. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF,1998.

CARDOSO; Márcia Blanco; REICHERT; Inês Caroline. O currículo escolar revisitado: a coletividade indígena para pensar uma pedagogia da diferença, 2002. Disponível em: file:///C:/Users/Flavio/Downloads/688-Texto%20do%20artigo-1881-1-1020161107.pdf Acesso em 24/11/2022

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 2ª edição. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1998

CANDAU, V. M. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. Currículo sem Fronteiras, Rio de Janeiro, v.11, n. 2, p. 240-255, 2011.

FERRO, Marc. Cinema e história. Tradução: Flávia Nascimento, São Paulo: Paz e Terra, 2010.

KRENAK. A. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LUIZ; Juliana Rios. A cultura indígena no âmbito do currículo escolar: percursos, caminhos e possibilidades, 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_S A2_ID7756_01102020163737.pdf Acesso em 24/11/22

LOPES, Danielle Bastos; FREIRE, José Ribamar Bessa. História e culturas indígenas na educação: etnicidade, diferença e os 10 anos da lei nº 11.645/2008. Cad. CEDES, Campinas, v. 39, n. 109, p. 269-274, dez. 2019.

MACEDO, E; LOPES, A. C. Cultura. In: MACEDO, E; LOPES, A. C. Teorias de Currículo. Rio de Janeiro: Eduerj: 2011. p.87-102

MORETTIN, Eduardo V. O Cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 38, p. 11-42, 2003. Editora UFPR.

NUNES, Karliane Macedo. (R)existir com imagens: considerações sobre a produção audiovisual indígena no Brasil. Brasiliana: Journal for Brazilian Studies, Londres, v. 5, n. 1, p. 318-343, 2016.

PASTORI; Jayne Priscilla. Cinema e história: a representação do indígena americano no filme dança com lobos, 2015. Disponível em: http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1229.pdf Acesso em 24/11/22

SILVA; Laura da Costa Tourinho. Modos de representação dos povos indígenas no cinema brasileiro: um estudo de caso sobre o filme chuva é cantoria na aldeia dos mortos, 2021. Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/xc22021/437661modos-de-representacao-dos-povos-indigenas--no-cinema-brasileiro--um-estudo-decaso--sobre-o-filme-chuva-e-cantoria/ Acesso em 25/11/2022

SPYER, Márcia. A questão da identidade étnica na sala de aula: a cultura indígena. In: DAYRELL, Juarez (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

STAM, Robert. Introdução à teoria do cinema. Papirus Editora, 2000.

STAM, Robert. Multiculturalismo Tropical: uma história comparativa da raça na cultura e no cinema brasileiro. São Paulo: Edusp, 2008.

VEIGA-NETO, Alfredo. De Geometrias, currículo e diferenças. In: Educação & Sociedade, v. 23, n. 79, Campinas, ago. 2002.